

Gravidez na Adolescência: suas implicações na adolescência, na família e na escola

Lívia Santos Rodrigues¹
Maria Vanuzia Oliveira da Silva²
Maria Amábia Viana Gomes³

RESUMO

O presente artigo apresenta um trabalho desenvolvido que teve como objetivo analisar os fatores determinantes da evasão escolar decorrente da gravidez precoce e identificar os desafios enfrentados pela escola no desenvolvimento ou inserção da Educação Sexual no currículo escolar. Para o desenvolvimento da pesquisa optou-se pela pesquisa qualitativa de abordagem bibliográfica e de campo, realizada com adolescentes grávidas entre 13 e 16 anos. Utilizamos como instrumento de coleta de dados, questionários e entrevistas com os professores, coordenador e gestor escolar. As obras referências foram de Egypto (2012), Furlani (2011), Figueró (2007, 2009), Heilborn (2008) e Brasil (2009). Os resultados apresentados mostram que tanto a iniciação sexual das adolescentes quanto a gravidez estão acontecendo precocemente. Além disso, revelam um percentual considerável de evasão escolar em virtude da gravidez precoce. E, ainda o despreparado da sociedade e da escola e conseqüentemente dos professores no que se refere à educação sexual de adolescentes. A problemática estudada nos remete a reflexões importantes sobre o tema e aponta para a necessária participação da família, da escola e da sociedade.

Palavras chave: Gravidez. Adolescência. Educação Sexual. Escola.

1 Licenciada em Ciências Biológicas . Email: liviarodrigues.phn@hotmail.com

2 Licenciada em Ciências Biológicas. Email- vanuziabio@hotmail.com – Maceió-Alagoas

3 Mestra em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Alagoas. Professora do Curso de Pedagogia de Instituição de Ensino Superior. Professora dos Cursos de Letras e Ciências Biológicas na modalidade da Educação a distância do Instituto Federal Tecnológico de Alagoas – IFAL/UAB - Email: amabiaviana@gmail.com – Maceió- Alagoas.

Pregnancy in adolescence: its implications in adolescence, in the family and school

ABSTRACT

This article presents a work developed which aimed to analyze the determinants of school dropout due to early pregnancy and to identify the challenges faced by the school in the development or insertion of Sexual Education in the school curriculum. For the development of the research, we chose the bibliographical and field research, with qualitative approach, performed with pregnant adolescents between 13 and 16 years old, teachers, coordinator and school manager, questionnaires and structured interviews were used; based on the works of Egypto (2012), Furlani (2011), Figueró (2007, 2009), Heilborn (2008) and Brasil (2009). The results show that both sexual initiation of adolescents and pregnancy are occurring more and more precocious, from the age of 12. In addition, they reveal a considerable percentage of school dropout due to early pregnancy. And, still the unprepared of the school and consequently of the teachers on the issue of sex education. The problematic studied refers to a reflection on its importance, but with the help of the family.

Keywords: School evasion. Pregnancy. Adolescence. Sexual Education. School

Embarazo en la adolescencia: sus implicaciones en la adolescencia, en la familia y en la escuela

RESUMEN

El presente artículo presenta un trabajo desarrollado que tuvo como objetivo analizar los factores determinantes de la evasión escolar resultante del embarazo precoz y la identificación de los desafíos que enfrenta la escuela en el desarrollo o la integración de la Educación Sexual en los programas escolares. Para el desarrollo de la investigación se optó por la investigación bibliográfica y de campo, con abordaje cualitativo, realizada con adolescentes embarazadas entre 13 a 16 años, profesores, coordinador y gestor escolar, se utilizaron cuestionarios y entrevistas estructuradas; con base en las obras de Egypto (2012), Furlani (2011), Figueró (2007, 2009), Heilborn (2008) y Brasil (2009). Los resultados presentados evidencian que tanto la iniciación sexual de las adolescentes como el embarazo están sucediendo cada vez más precoz,

a partir de los 12 años. Además, revelan un porcentaje considerable de evasión escolar debido al embarazo precoz. Y, aún la falta de preparación de la escuela y consecuentemente de los profesores en la cuestión de la educación sexual. La problemática estudiada incita una reflexión sobre su importancia, pero con el auxilio de la familia.

Palabras clave: Evasión Escolar. Embarazo. la Adolescência. Educación Sexual. Escuela.

Introdução

Em pleno século XXI, a era da modernidade, de grandes mudanças de valores morais e de comportamentos, a gravidez precoce ainda é um assunto pouco discutido nas escolas e nas famílias brasileiras, no entanto, a vida sexual está começando cada vez mais cedo e com o passar dos anos esta iniciação torna-se ainda mais precoce. A gravidez na adolescência na maioria das vezes implica negativamente no relacionamento familiar e na vida escolar, afastando a adolescente da escola e restringindo possivelmente o seu futuro profissional.

Com o aumento do número de gravidez e consequentemente evasão escolar, há uma necessidade de que a escola realize debates e atividades significativas que transformem a informação em conhecimento, esclarecendo as dúvidas das alunas, conhecendo suas angústias, medos, respeitando cada indivíduo e sua diversidade.

O presente artigo apresenta um trabalho de pesquisa que teve como objetivo geral analisar os fatores determinantes da evasão escolar decorrente da gravidez precoce e os objetivos específicos visam investigar o percentual de alunas grávidas que continuaram estudando e que evadiram; conhecer as dificuldades que ocasionaram a evasão escolar em decorrência da gravidez e suas implicações na adolescência, na família e na escola; identificar as ações que a escola desenvolve para prevenir a gravidez na adolescência e ressaltar a importância da orientação familiar como forma de prevenção.

A abordagem de assuntos/temas referentes à educação sexual na escola e no convívio familiar é indispensável para a formação do adolescente, pois é um período marcado por conflitos emocionais, dúvidas, descobertas de si mesmo e do mundo. Essa complexidade de sensações tem implicações na vida pessoal, estudantil e familiar da adolescente.

Para o desenvolvimento da pesquisa, optou-se pela pesquisa qualitativa de abordagem bibliográfica e de campo, realizada com adolescentes grávidas entre 13 e 16 anos. Utilizamos como instrumento de coleta de dados, questionários e entrevistas com professores, coordenador e gestor escolar. Os resultados apresentados mostram que tanto a iniciação sexual das adolescentes quanto a gravidez estão acontecendo precocemente. Além disso, revelam um percentual considerável de evasão escolar em virtude da gravidez precoce. E, ainda, o despreparo da escola e consequentemente dos professores no que se refere à educação sexual de adolescentes. A problemática estudada remete reflexões importantes sobre o tema e apontam para a necessária participação da família, da escola e da sociedade.

Algumas obras utilizadas como referências para investigação foram de Egypto (2012), Furlani (2011), Figueró (2007, 2009), Heilborn (2008) e Brasil (2009).

Gravidez na adolescência e suas implicações na vida escolar, profissional, social e de saúde da adolescente

A gravidez na adolescência é responsável por diversas transformações físicas, sociais e psicológicas na vida da adolescente. Nessa fase da vida, o corpo feminino ainda está em processo de desenvolvimento, principalmente os órgãos reprodutores, que passam por um período de maturação para depois estar preparado para reproduzir adequadamente sem riscos à mulher gestante e ao bebê. Essas mudanças podem alterar o desenvolvimento da mãe e da criança. Há também grandes possibilidades de desencadear problemas sociais e familiares desastrosos.

Além disso, esses fatores provocam na maioria das vezes consequências como o abandono dos estudos e dificuldades em permanecer na escola durante e/ou após o período da gravidez, uma vez que a adolescente mãe terá o desafio de associar as responsabilidades maternas às atividades escolares. Para Taborda, Silva, Ulbricht e Neves (2014, p.17):

De maneira geral, a gestação na adolescência é classificada como de risco, pois representa uma situação de risco biológico (tanto para as mães como para os recém-nascidos), e existem evidências de que este fenômeno ainda repercute negativamente nos índices de evasão escolar (tanto anterior como posterior

à gestação), impactando no nível de escolaridade da mãe, diminuindo suas oportunidades futuras.

A gravidez na adolescência é considerada uma das causas de evasão escolar, logo é imprescindível que sejam tomadas providências quanto as questões que envolvem a orientação da adolescente e dos que compõem a gestão escolar, para que de modo eficaz se possa enfrentar o problema da gravidez na adolescência como condição primeira para a redução dos índices da evasão escolar, pois com ela vêm à tona outras consequências, como oportunidade de emprego, prejuízos à vida profissional, baixo nível de perspectiva no futuro melhor, a interrupção dos sonhos e planos próprios da idade e, em alguns casos, adoecimentos como a depressão.

Segundo Heilborn (2008), a gravidez na adolescência se configurará como problema quando além de não ter sido prevista, acaba repercutindo negativamente nos projetos de vida dos jovens pai e mãe, tornando ainda mais complexa a entrada no mundo do trabalho e o prosseguimento dos estudos. O afastamento da adolescente da escola não é algo determinante apenas pela gravidez, mas pode ser decorrente do preconceito dos colegas, da falta de apoio da escola e dos amigos, a vergonha pelas mudanças no corpo e por colocar em evidência a vida da adolescente. Quando um adolescente abandona a escola, está perdendo uma infinidade de oportunidades como, de empregos, de estabilidade de vida financeira e emocional, e, principalmente, de realização pessoal. De fato, todas essas questões contribuem para o insucesso profissional e podem ocasionar frustrações, sentimentos de baixa estima, insatisfação e ausência de perspectiva de vida.

Existe uma grande preocupação com as consequências que a maternidade precoce pode acarretar à saúde, à educação e ao desenvolvimento econômico e social. Isso se deve ao fato de esta dificultar o desenvolvimento educacional e social da adolescente, assim como a sua capacidade de utilizar todo o seu potencial individual. Como resultado, observa-se uma taxa maior de evasão escolar, desajustes familiares e dificuldade de inserção no mercado de trabalho (MANFRÉ; QUEIRÓZ; MATTHES, 2010, p. 49).

Em grande parte esses problemas constituem a realidade de adolescentes de baixa renda, que precisam lidar solitariamente com as consequências de seus atos, uma vez que as famílias dos jovens pais e

mães não possuem condições financeiros suficientes para arcar com as despesas. Segundo algumas pesquisas, as adolescentes de classe média/alta, ainda que sofram a incompreensão ou rejeição dos familiares, em pouco tempo recebem apoio da família, que se responsabiliza pelo suporte financeiro e cuidados com a criança durante e após a gravidez. Porém, estudos apontam que o índice de adolescentes grávidas é maior nas áreas mais pobres. Silva (2007) faz uma análise dos dados divulgados pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) em maio de 2005.

Esse estudo aponta também que as adolescentes e jovens com idades entre 15 e 19 anos, em famílias com até três salários mínimos de rendimento total, experimentaram a maternidade com uma escolaridade equivalente ao ensino fundamental, ou seja, as que têm “baixa escolaridade”. Nessa mesma faixa etária, em famílias cuja renda é de mais de três salários mínimos, a concentração de mães pela primeira vez passa a ser observada entre aquelas com escolaridade compatível com a idade, o que nos aponta que a baixa escolaridade por si só não é fator determinante para que ocorra a gravidez na adolescência (SILVA, 2007, p.17).

A gravidez desencadeia várias mudanças na vida dos envolvidos tanto da mãe quanto do pai adolescentes e dos familiares. Para Taborda; Silva; Ulbricht e Neves (2014, p.20):

A adolescência é uma fase pontuada de mudanças, podendo ser bastante conturbada em razão das descobertas, das ideias opostas às dos pais, formação da identidade, fase na qual as conversas envolvem namoro, brincadeiras e tabus.

Quando se trata de uma gestação não planejada, os desafios exigem uma atenção maior. A estratégia de desenvolver nos jovens a responsabilidade pelos atos da prática sexual, bem a compreensão dos efeitos de uma gravidez não planejada, tem sido o foco de alguns investimentos educativos (FURLANI, 2011, p.141). De acordo com a autora, criar mecanismos que orientem, informem e conscientizem os adolescentes sobre sexualidade, principalmente sobre a prática sexual e suas consequências, é importante para despertar nos jovens o interesse em conhecer todos os riscos advindos de atos sexuais, dos métodos de proteção e prevenção. É fundamental que recebam uma orientação eficaz

para a construção de sua maturidade e, assim, tenham a capacidade de tomar decisões conscientes e evitar uma gravidez não planejada.

Sentimentos e sensações experimentados por adolescentes em relação à gravidez

A gravidez precoce traz à vida da adolescente uma complexidade de emoções e acarreta sérias consequências e transformações para o seu corpo. Dadoorian (2003) “destaca que há dois fatores responsáveis pela ocorrência da gravidez em adolescentes, os fatores biológicos e os não biológicos, os quais incluem questões culturais e psicológicas”. Além de provocar muitas transformações físicas, desencadeia diversos sentimentos e sensações, que podem variar da alegria em ser mãe e da emoção em saber que dela nascerá uma nova vida ao medo da responsabilidade que lhe espera e das mudanças que ocorrerão em sua vida.

Os sentimentos e, conseqüentemente, suas manifestações diferem bastante, uma vez que cada mulher/pessoa tem sua personalidade, seu modo de ser, de agir e encarar as situações da vida. Quando se trata de adolescentes, a diversidade de sentimentos é ainda mais variada e extensa. De acordo com os estudos científicos, não é recomendável engravidar na fase da adolescência, pois é considerado o período do desenvolvimento corporal e psicológico. Na fase da adolescência o corpo da menina ainda não está preparado para o desenvolvimento de um bebê.

A explicação é simples. A adolescente ainda está em crescimento, e ao engravidar nesse período existe um grande risco biológico para seu corpo. Este risco está principalmente ligado à questão nutricional (competição materno fetal / duplo anabolismo), pois existem dois corpos crescendo num mesmo momento e competindo pelo mesmo nutriente. Ela pode até ganhar mais peso, mas transfere menos peso e menos nutrientes para o bebê. A menarca acontece assim que a criança alcança o máximo da velocidade de crescimento, ou seja, quando ela inicia a desaceleração deste, mas a adolescente ainda está em desenvolvimento e este processo leva em média 4 a 5 anos. No Brasil, as meninas têm menstruado em média com 12 anos. Caso ela engravide nesse período (até 5 anos após menstruar), isso pode significar um grande risco biológico (INSTITUTO DA INFÂNCIA, p.18).

Nesta condição, a adolescente também não tem maturidade psicológica suficiente para ser mãe e assumir todas as responsabilidades da maternidade. Uma gestação nessa fase é acompanhada de uma turbulência de sentimentos positivos e/ou negativos, como surpresa, alegria, medo, tristeza, angústia, ansiedade exagerada, vergonha, rejeição, entre outros. Os elementos responsáveis por desencadear esses sentimentos/emoções também são diversos. No entanto, consideramos como os principais, a maturidade ou imaturidade psicológica, a confiança em si mesmo ou falta de autoconfiança, o planejamento e/ou a falta de planejamento.

Considerando os fenômenos emocionais da adolescência, uma gravidez pode potencializar as crises e conflitos familiares, principalmente quando ocorre de maneira precoce e não planejada. As crises e conflitos devem-se às rápidas mudanças biológicas e psicológicas envolvidas nesse processo, como o acentuado crescimento ponderal, o surgimento de novas formas (tanto físicas como estéticas), as transformações no funcionamento orgânico, as manifestações de novos sentimentos, a construção de novas relações inter-subjetivas e suas inserções no mundo interno e externo da família (TABORDA; SILVA; ULBRICHT; NEVES, 2014, p.20).

Esses sentimentos começam a surgir a partir da suspeita da gravidez. Mas a descoberta é um dos momentos mais impactantes, pois o contato com o novo implica o surgimento de emoções e sentimentos diversos, como desespero, desânimo, preocupação, insegurança, medo, ansiedade, rejeição, culpa, tristeza e angústias, agravados quando a adolescente se sente abandonada, sem o apoio do pai do bebê e da família. Esta falta de apoio também pode despertar o desejo da prática do aborto ou desencadear uma depressão. No entanto, para algumas adolescentes esta descoberta proporciona alegria, entusiasmo, euforia, contentamento, felicidade e o marco de uma vida nova.

Apesar das situações dramáticas que essa situação lhes acarreta, como, por exemplo, o abandono dos estudos ou o seu adiamento, maior dependência econômica dos pais, visto que a maioria das jovens continua morando com os pais após o nascimento do filho, já que o pai da criança é, na maioria dos casos, também adolescente; mesmo com todas essas dificuldades, é bastante comum ouvirmos a adolescente dizer que está contente com a perspectiva de ser mãe e que quer ter um filho (DADOORIAN, 2003, p. 85).

Após o momento da descoberta, das preocupações e do período das dúvidas, surgem novos sentimentos, os maternos, que começam a brotar e a menina mulher passa a se enxergar como mãe, ainda que não tenha visto ou tocado seu filho. Porém, é importante ressaltar que a aceitação e o surgimento dos sentimentos positivos em relação à gestação são relativos, uma vez que há adolescentes que optam em não interromper a gravidez, mesmo se sentindo-se desconfortáveis e indiferentes à gravidez, podendo isso perdurar após o nascimento da criança. “Precisamos entender também que do mesmo modo que uma mãe adolescente não tem maturidade biológica para gestar uma criança, também não tem maturidade psicológica para ser mãe” (INSTITUTO DA INFÂNCIA, 2014, p.15).

Há também os sentimentos de preocupação e medo relacionados ao desenvolvimento do bebê e ao momento do parto. Além disso, as mães adolescentes têm uma grande preocupação com o corpo: se manterão a forma, após a gravidez e se surgirão problemas estéticos, como estrias, celulite, gorduras localizadas, entre outros. No período da gestação, em muitos casos, os sentimentos negativos continuam a existir na vida da gestante em decorrência da falta de apoio e de compreensão dos familiares, dos amigos e principalmente do companheiro.

Sensações e sentimentos da adolescente grávida com relação aos seus pais e professores

Os sentimentos e sensações de uma adolescente são numerosos, contudo, a mesma não consegue prever as reações dos pais e familiares ao informar sobre a gravidez. Nesse momento, a adolescente experimentará diversos sentimentos, como arrependimento, vergonha, medo. É preciso que a mesma compreenda a reação dos pais frente à notícia a ser dada, confiante e sabendo que essa reação muda com o passar do tempo. Para Taborda, Silva, Ulbricht e Neves (2014, p.17):

É sabido que a gravidez na adolescência gera consequências imediatas no emocional dos jovens envolvidos. Alguns sentimentos experimentados por estes jovens são: medos, insegurança, desespero, sentimento de solidão, principalmente no momento da descoberta da gravidez.

Após a conversa com os pais, a adolescente se sente pressionada a informar ao pai da criança na esperança de receber do mesmo apoio

emocional e até ajuda financeira, pois a possibilidade de arcar com a gravidez sozinha é assustadora. Tudo é muito novo e existem decisões sérias a serem tomadas; daí o papel da escola e educadores mediando a situação. É de extrema importância não transmitir para a adolescente sentimento de rejeição ou indiferença, mas acolhê-la, ajudando-a a sentir-se segura.

Os jovens que passam por uma situação de gravidez devem receber apoio institucional, e ter acesso a serviços de saúde. Não devem ser discriminados ou sofrer preconceito. Devem ser estimulados a conversar com suas famílias. Com apoio, carinho e diálogo é possível ajudá-los nesta experiência (HEILBORN, 2008, p. 36).

Estas medidas colocadas pela autora visam colaborar para que a adolescente se sinta tranquila e confortável, oferecer apoio, compreensão e até mesmo conduzi-la a um serviço de psicologia. Os professores têm nesse momento um papel fundamental, pois precisam esclarecer e orientar os adolescentes, ajudar na definição de novos objetivos para o futuro. Sabemos que o abandono escolar vem evoluindo significativamente entre as adolescentes grávidas. Os motivos são variados, incluindo a depressão, a vergonha, a necessidade de trabalhar, imposta pela maioria dos pais após a gravidez. A ausência do apoio da família e da escola tem cooperado enormemente com o abandono escolar após a gestação, muitas vezes justificado pela necessidade de trabalhar e de também cuidar do bebê. Aqui cabe a intervenção da escola do seu papel formador que é fundamental tanto na prevenção quanto ao apoio a uma gravidez precoce.

O abandono dos estudos não se dava pela rejeição do colégio à situação da gravidez, mas, sim, por sentimentos ambivalentes das jovens, de vergonha, como que para negar que exercem a sua sexualidade, ou de satisfação pela gravidez, visto que algumas delas relatavam que só queriam “curtir” o filho. A esses fatores emocionais, se junta à falta de estímulo dos pais, que valorizam mais o trabalho, através do qual a jovem poderá ajudar na renda familiar, do que os estudos das filhas. O fato de não concluírem a escolarização traz dificuldades para alcançarem a independência financeira e profissional (DADOORIAN, 2003, p.89).

Toda gravidez na adolescência tem seus impactos tanto emocionais quanto sociais, como prejuízos na escolarização, no convívio familiar e na própria fase de desenvolvimento, pois quando grávida a adolescente acha que nunca vai terminar os estudos, que está sozinha, sem perspectiva de futuro. Em muitos casos é apontada e julgada por seus colegas de escola; muitas vezes a situação já não estava indo bem na vida dessa jovem mesmo antes de engravidar; em muitos casos o pré-abandono escolar já existia, ele apenas foi concretizado com a descoberta da gravidez.

Tudo o que uma adolescente não quer ouvir quando descobre que está grávida é um pré-julgamento seguido de um abandono tanto da família quanto do pai do bebê. Ela espera ser acolhida e compreendida por todos os que lhe são próximos e, ainda que não a apoiem, que os mesmos pelo menos não a julguem. Esse é um período de várias descobertas, e nessas está incluído o início da vida sexual que pode acontecer de forma desprotegida e acarretar como consequência inúmeros casos de doenças sexualmente transmissíveis - DST. O fato é que, confirmada a gravidez, a adolescente precisa sentir-se apoiada, protegida e compreendida.

Contribuições da família e da escola na formação sexual da adolescente

Mesmo nos dias de hoje, com a tecnologia algo acessível para todos, a ausência da família na formação sexual dos filhos é fato; e isso ocasiona um aumento no índice de adolescentes grávidas. Os pais muitas vezes por vergonha ou desconhecimento não dialogam com os filhos sobre sexo, ou os orientam sobre como a necessária a segurança e muitos delegam essa função para a escola ou simplesmente por não saber o que fazer ignoram essas importantes descobertas próprias da vida e da atividade sexual dos filhos. Muitos acreditam que esse é um papel exclusivo da escola. Mas será que a família está seguindo no caminho certo? Sabe-se que não. A contribuição a ser dada deve vir no sentido de auxílio, considerando cada situação, seja ela emocional, social e/ou comportamental.

Portanto, é importante perceber que a família tem um papel primordial, essencial, na educação de seus filhos. Mas se a escola não participar, vai deixar o jovem muito à mercê de experiências que provavel-

mente não vão dar conta dos medos, das ansiedades, das dúvidas e dos questionamentos que vão se desenvolvendo ao longo da vida (EGYPTO, 2012, p. 15).

A contribuição familiar referente à formação sexual é bastante restrita. Muitas vezes é baseada apenas em passar o que a família espera da adolescente. Mas só falar não é tudo. Geralmente o adolescente tem perguntas que precisam de respostas e a família deve sanar as dúvidas e promover ações que esclareçam as questões trazidas. O diálogo com essa adolescente deve ser respeitoso e esclarecer suas dúvidas.

A escola deve contribuir com a formação sexual dos adolescentes, promover uma educação crítica, que leve à autonomia, ao despertar da responsabilidade, do compromisso, tornando-os capazes de tomar suas decisões e fazer escolhas conscientes, visando prevenir eventuais problemas. Se o sexo já aconteceu, os pais precisam aprender a conduzir a situação de maneira mais tranquila, menos julgadora e preconceituosa. A partir disso, precisam orientar seus filhos sobre os problemas decorrentes de uma vida sexual sem prevenção. A irresponsabilidade de um ato sexual pode ocasionar a gravidez indesejada e também as DST. Figueiró (ano da obra) remete-nos a refletir sobre de quem é a responsabilidade da educação sexual:

Alguns se perguntam: Mas de quem é a tarefa da Educação Sexual? Não seria da família? Sim, é tarefa, primordialmente, da família, que, às vezes, de forma positiva, outras vezes, de forma negativa ou omissa, acaba educando, transmitindo seus valores e sua forma de encarar a sexualidade, o modo de vivê-la, bem como os valores morais. Mas é, ainda assim, função da escola, sempre, educar sexualmente, porque ela é responsável pela formação integral do aluno, e isto inclui não apenas sua formação intelectual, mas, também, sua formação moral e afetiva (FIGUEIRÓ, 2007, p. 27).

Segundo Egypto (2012) a escola e a família ocupam papéis diferentes e complementares na formação sexual dos jovens e adolescentes. Nos dias atuais falar sobre sexo abertamente com os filhos não parece ser uma das tarefas mais fáceis, mas é possível. Temos a expectativa de que essa geração é mais aberta e com isso os adolescentes perguntam mais e até obtêm mais acesso às respostas para as dúvidas que afloram em seus pensamentos. Os pais têm sua responsabilidade e são referências na orientação sexual dos filhos.

É importante os pais estarem próximos e abertos, respeitando cada momento ou fase do desenvolvimento dos filhos, inclusive nesse conflituoso tempo da adolescência. No entanto, muitas famílias se fecham para a questão da formação sexual do adolescente, muitas vezes por motivo religioso ou por vergonha de tratar esse tema com um filho e até mesmo por imaginarem que conversar sobre sexo com um filho (a) irá incentivá-lo (la) a iniciar uma vida sexual precoce e que, de certa forma, coopera evitar responder as curiosidades, questionamentos e inquietações próprias da adolescência. Na verdade, não sabem qual a diferença entre formar e incentivar. Para Egypto (2012, p.27):

Há famílias que se preocupam com o fato de que essas aulas possam estimular um despertar sexual “precoce”. Está subentendida a ideia de que a ignorância sobre sexo possa frear o desejo sexual ou suas manifestações. Todos sabemos que não é assim. A ignorância não protege ninguém de nada. Ao contrário, torna a pessoa mais vulnerável às situações, por não saber lidar adequadamente com elas.

A verdade é que essa geração de adolescentes está muito mais aberta e natural. Perguntam abertamente o que querem saber. Cabe aos pais darem as respostas adequadas à idade dos filhos. Informação é imprescindível, pois a maioria das adolescentes acredita que não vai engravidar na primeira relação sexual, mas muitas vezes engravidam e essa gravidez passa a gerar conflitos familiares, financeiros, emocionais e a favorecer a evasão escolar e outras implicações na vida da adolescente.

Maria Ignez Saito (2000, p.44) afirma que:

Na família o diálogo é ainda pobre ou inexistente; na escola, o debate é tímido e ocorre voltado mais para os aspectos biológicos, reforçando a ideia da sexualidade ligada à reprodução e tanto educadores como profissionais de saúde permanecem com posturas impregnadas de preconceitos e tabus. Estes são transmitidos aos jovens de maneira, por vezes, mais marcante do que a pseudoabertura colocada na fala, mas que não encontra respaldo na postura. Apesar do papel da educação sexual ser ainda discutível para evitar as experiências sexuais precoces, já é referência da literatura que a gravidez entre adolescentes não será controlada sem educação sexual.

Infelizmente, tanto nas escolas quanto nas famílias as discussões acerca da gravidez precoce estão reduzidas às informações biológicas do corpo humano sem abrir espaço para as reais dúvidas dos alunos. Segundo a autora, o papel da educação sexual para diminuir os índices de gravidez precoce não é reconhecido, no entanto, não há dúvidas de sua importância como mecanismo de preveni-la. Muitos pais pecam por excesso de liberdade, por não querer ser chamados, nem vistos como caretas em pleno século XXI. Acabam confundindo liberdade com falta de informação, assim não conversam com os filhos sobre gravidez precoce e outros assuntos relativos à sexualidade.

Responsabilidade da família e da escola na orientação sexual da adolescente

Tanto a orientação sexual quanto a educação sexual são assuntos importantes e polêmicos, pois geram inúmeras discussões entre estudiosos, escritores, educadores e pesquisadores. Quando se fala sobre quem assume a responsabilidade de orientar ou educar sexualmente os adolescentes, há muitas divergências; alguns defendem que a escola é responsável, outros que esta tarefa é de inteira responsabilidade da família. Heilborn (2008, p.37) faz uma alerta importante:

É bom lembrar que a sexualidade, tratada enquanto tema transversal, a partir das orientações dos Parâmetros Curriculares Nacionais, considerando-se as características próprias da clientela e o nível de compreensão, amplia os limites de uma abordagem restrita única e exclusivamente disciplinar e, muito importante, permite transitar por entre as diferentes disciplinas, promovendo interação entre elas e a vida.

Diante desta colocação, é importante ressaltar que os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) propõem que a sexualidade seja trabalhada como orientação sexual.

O trabalho de Orientação Sexual deverá, portanto, se dar de duas formas: dentro da programação, por meio dos conteúdos já transversalizados nas diferentes áreas do currículo, e extraprogramação, sempre que surgirem questões relacionadas ao tema” (BRASIL, 2009, p. 88).

A partir da proposta dos PCNs, devemos considerar a importância da orientação sexual nas escolas, no entanto, percebemos que a mesma trata-se de uma alternativa para trabalhar questões emergenciais e está concebida como um tema transversal. Seria necessário que a sexualidade fosse trabalhada de forma continuada e específica na escola. Acreditando que a Educação pode nos conduzir a transformações sociais, quando comprometida com temas sociais, tais como educação sexual, ética e pluralidade cultural, autores defendem como importante que as mudanças comecem pelos próprios educadores (FIGUEIRÓ, 2009, p. 1).

Vale salientar que é da família que se recebem as primeiras informações, os primeiros ensinamentos e conhecimentos, ou seja, as primeiras orientações. Desta forma, a família é considerada o berçário da formação do adolescente e do jovem, onde se inicia a construção da conduta de cada indivíduo. No entanto, a maioria das famílias não assume seu papel de orientadora ou educadora da sexualidade; não participam, nem colaboram com a formação sexual de seus adolescentes, a qual deve começar ainda na infância, deixando-os vulneráveis a outros meios que oferecem a orientação de forma errônea e sem fundamentação teórica adequada: por meio das novelas, filmes, comerciais/propagandas, músicas e danças; pela internet, através dos sites de relacionamentos e oferta de fácil acesso a todos os canais de pesquisa, entre outros. Ou então, a mesma acontece de maneira retrógrada, com repressões que ao invés de contribuir positivamente torna os adolescentes pessoas reprimidas, frustradas e fechadas em si mesmas.

Abrir espaço para que os adolescentes se sintam acolhidos e à vontade para expressar sua opinião e expor suas dúvidas é responsabilidade tanto da família quanto da escola. Quando eles são ouvidos, a orientação sexual torna-se mais eficiente e aceita. Além da orientação/educação que a adolescente recebe ou deve receber da família, a escola é considerada como um canal fundamental de formação de opinião e educação sexual; nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) – ORIENTAÇÃO SEXUAL (2009) está enfatizada a responsabilidade que cabe a cada uma:

O trabalho de Orientação Sexual proposto por este documento compreende a ação da escola como complementar à educação dada pela família. Assim, a escola deverá informar os familiares dos alunos sobre a inclusão de conteúdos de Orientação Sexual na proposta curricular e explicitar os princípios norteadores

da proposta. O diálogo entre escola e família deverá se dar de todas as formas pertinentes a essa relação (BRASIL, 2009, p. 85).

Geralmente, a orientação sexual nas famílias é baseada em princípios religiosos, com regras referentes à mesma. Porém, isto não desfavorece a educação da família, mas exige uma reflexão, visando ao diálogo aberto, principalmente, à fala dos adolescentes. Enquanto a da escola deve ser livre dos tabus, dos preconceitos, de crenças e questões religiosas.

Na verdade, falar da sexualidade implica repensar preconceitos, quebrar velhos paradigmas e, sobretudo, superar hipocrisias presentes há muito tempo. Contudo, professor/a, de uma coisa tanto nós como você temos certeza: o silêncio, o preconceito ou a indiferença social são as maiores dificuldades no diálogo entre pais, responsáveis, professores e os jovens (HEILBORN, 2008, p. 4).

Assim, tanto a família quanto a escola têm a responsabilidade de oferecer uma orientação sexual eficaz, sendo que uma não menospreza ou diminui a outra, mas podem ser complementares. A escola é um ambiente propício para desenvolver uma orientação sexual que de fato contribua para a formação sexual dos adolescentes, a fim de que sejam capazes de tomar decisões conscientes. Uma educação sexual que forme indivíduos críticos e responsáveis pelas suas decisões. Para isso, é necessário que a escola proporcione espaço para discussões e seja comprometida com a qualidade de sua ação pedagógica, e ainda que esteja atenta à construção de cidadãos livres de preconceitos.

De acordo com diversas pesquisas, além da família, a escola tem como característica ser formadora de opinião, ter o público-alvo ao qual se destina a orientação sexual e é considerada um espaço privilegiado para a reflexão e abordagem do assunto.

A escola e a família frente à educação sexual dos adolescentes

A escola é um espaço de novas descobertas, de reflexão e de formação. Logo, a mesma precisa está verdadeiramente comprometida com a eficiência de seu papel, atenta com a construção de uma sociedade crítica e com a formação de indivíduos conscientes e seguros de

suas ações. Nesse universo, há escolas que não se preocupam em colocar em prática a sua função formadora do homem, resultando em uma educação com baixo nível formativo, defasada e sem perspectivas que permitam aos sujeitos avançarem em sua autonomia e responsabilidade com a vida. Também se faz necessário reafirmar a função da família, que também deve se comprometer com a educação sexual de suas crianças, seus jovens e adolescentes, orientando, informando, ouvindo, acolhendo e amando.

De forma diferente, cabe à escola abordar os diversos pontos de vista, valores e crenças existentes na sociedade para auxiliar o aluno a encontrar um ponto de auto-referência por meio da reflexão. Nesse sentido, o trabalho realizado pela escola, denominado aqui de Orientação Sexual, não substitui nem concorre com a função da família, mas antes a complementa. Constitui um processo formal e sistematizado que acontece dentro da instituição escolar, exige planejamento e propõe uma intervenção por parte dos profissionais da educação (BRASIL, 2009, p. 83).

A educação sexual é um dos temas que carecem de maior atenção no ambiente escolar, uma vez que sua inserção no currículo escolar aparece, como os PCNs orientam, como tema transversal. Geralmente, o assunto é trabalhado na sala de aula apenas por professores de ciência e biologia, abordando a temática acerca da reprodução e aspectos biológicos. O que se reflete no ambiente escolar é a enorme resistência em trazer o conteúdo para discussão no ambiente escolar e os esclarecimentos sobre o tema, introduzindo-os nas aulas de modo criativo, leve, por parte dos educadores com apoio e orientação da equipe gestora e pedagógica, a fim de desenvolver aulas interativas, tendo como base a literatura e as orientações de autores que estudam e escrevem sobre a temática.

Na família, o assunto não recebe a atenção necessária. Geralmente as famílias não dialogam sobre o assunto e muitas ainda se encontram fechadas ao diálogo, presas a tabus e preconceitos. A abordagem de assuntos/temas da Educação Sexual na escola e no convívio familiar é indispensável para a formação do adolescente. Proporcionar informações pertinentes e desenvolver atividades de conscientização é indispensável no período escolar, visando à formação de seres humanos com capacidade de assumir com responsabilidade as consequências de

seus atos e saibam fazer boas escolhas. Egypto (2012, p.12) explica que, para inserir a Educação Sexual na escola:

Não se pretende pregar ou ditar verdades, mas ouvir, abrir a conversa e pensar com base na realidade que se está a viver, a desejar, a sonhar ou a buscar. Para tudo isso é preciso mais do que informação e racionalidade, é preciso se emocionar, se envolver, participar; ter projetos de mudança, superação de arcaísmos que podem estar em qualquer lugar.

De acordo com a função concedida à escola, ela tem obrigações intrínsecas com a formação das crianças, dos adolescentes e dos jovens. Logo, a sexualidade está inserida nesta formação, pois é na escola que ocorrem intervenções profissionais capacitadas, que possibilitarão a reflexão e o debate, abrindo espaço para de fato dar o direito à liberdade de expressão aos alunos.

Portanto, a educação sexual, quando inserida no contexto escolar, não pode ter apenas um caráter informativo, mas, sobretudo, um valor de intervenção no interior deste espaço. Deve estar centrada na criança e no jovem e ter, como ponto de partida e como ponto de chegada, suas necessidades, suas indagações, suas aspirações e desejos. Deve preencher lacunas nas informações que as crianças e jovens trazem, corrigindo e atualizando essas informações do ponto de vista científico, dando-lhes a oportunidade de formar opiniões sobre o que lhes é apresentado, desenvolvendo atitudes coerentes com os valores que eles elegerem como seus, ampliando conhecimentos a esse respeito, combatendo tabus, preconceitos e abrindo espaços para discussões de emoções e valores, elementos fundamentais para a formação de indivíduos responsáveis e conscientes de suas capacidades (FIGUEIRÓ, 2009, p. 50 -51).

Desta forma a escola é o local privilegiado para a implementação de políticas públicas que promovam e desenvolvam o conhecimento para crianças e adolescentes, oferecendo a todos os alunos uma orientação sexual precisa, objetivando qualificar a formação integral dos sujeitos objeto de sua prática no ambiente escolar. “A estratégia de desenvolver nos jovens a responsabilidade pelos atos da prática sexual, bem como pelos efeitos em sua vida de uma gravidez não planejada, tem sido o foco de alguns investimentos educativos” (FURLANI, 2011, p.141).

A escola deve desenvolver ações educativas motivadoras, que promovam o conhecimento referente à sexualidade, oferecendo condições e subsídios para que os alunos tenham uma vida sexual orientada e segura e discutam a responsabilidade das nossas ações, com o fim de desenvolver a capacidade de evitar uma gravidez precoce e DST.

Percebemos que as escolas supõem que somente devam falar de educação sexual quando as inquietudes invadam aos alunos ou se explicita uma demanda que sinalize que chegou a hora de falar sobre relações sexuais ou dos contraceptivos e da gravidez, como o anúncio de uma aluna grávida na escola. Dessa forma, parece-nos que a educação sexual funciona como um “extintor de incêndios” em uma situação emergente e que, na escola, se espera chegar a um momento crítico para conversar sobre sexualidade. Isso retira o essencial caráter preventivo da educação sexual e acentua uma perspectiva circunstancial e interventiva ante situações de “perigo” ou diante da demanda explícita dos adolescentes (SILVA, 2016, p.82).

Nessa função de orientar os adolescentes, a família e a escola devem estar em parceria, para que de fato a educação sexual aconteça eficazmente e promova bons resultados. É importante que ambas sejam capazes de colocar em prática sua função educadora, assumindo o seu papel na formação sexual dos adolescentes. Ao compreender e aceitar que essa tarefa deve fazer parte do seu projeto de formação, a escola e as famílias descobrem a importância da educação sexual na vida dos adolescentes e dos jovens.

Universo da pesquisa

Cenário e sujeitos da pesquisa

A pesquisa tem abordagem qualitativa, classificada como bibliográfica e de campo. Foi realizada na Escola Municipal de Ensino Fundamental, localizada no centro da cidade de Passo de Camaragibe, no estado de Alagoas. Os sujeitos foram 10 alunas do 6º ao 9º ano do ensino fundamental II, com idades entre 13 e 16 anos. Fizeram parte da investigação 4 professores, 3 diretores (1 diretor geral, 1 diretor auxiliar e 1 diretor de disciplina) e 1 coordenador pedagógico.

Instrumentos de coleta e análise de dados

Os instrumentos para coleta de dados foram: a entrevista estruturada e questionários com questões abertas e fechadas. O questionário para as alunas visou investigar as implicações da gravidez na vida escolar, profissional, social e de saúde das adolescentes; os sentimentos e sensações experimentados por elas em relação à gravidez e também as sensações e sentimentos da adolescente grávida com relação aos seus pais e professores. Enquanto as entrevistas foram destinadas à equipe gestora e aos professores, por meio das quais foi possível analisar as contribuições e responsabilidades da família e da escola na formação sexual das adolescentes, os seus papéis na orientação sexual das mesmas, além de provocar a escola e a família a assumirem os desafios inerentes a promoção da educação sexual enquanto projeto de formação, o que resultou na descoberta do papel da escola na educação sexual dos adolescentes e o envolvimento da mesma com as adolescentes grávidas.

Procedimentos de coleta de dados

Iniciamos a pesquisa de campo com visitas à escola, visando conhecer os sujeitos da pesquisa e assim ter subsídios importantes para a construção do questionário, instrumento da coleta de dados. Após algumas visitas ao campo de estudo, foram aplicados questionários. No momento da aplicação dos questionários, iniciamos fazendo uma breve explanação para professores, diretor e coordenador e para as adolescentes sobre nosso trabalho de pesquisa, com o objetivo de conquistar uma maior confiabilidade no diálogo, conseqüentemente na verdade das respostas.

O engajamento dos participantes durante a pesquisa se deu por meio de convite feito por nós e pela direção da escola participante, como também pela disponibilidade dos envolvidos. Os questionários foram impressos em papel A4 para ser aplicado aos sujeitos e sua elaboração foi baseada em perguntas objetivas e subjetivas, resultando em respostas escritas, no intuito de validar as informações construídas.

Resultados e discussões

Ao analisar os dados extraídos dos instrumentos, verificamos que 12 anos é a idade em que as meninas dão início à sua vida sexual, o que tem como consequência a gravidez precoce. Conforme informações colhidas, das 565 alunas matriculadas atualmente, 14 meninas

abandonaram a escola devido à gravidez e 10 permanecem na escola, mas a instituição pontuou que outras várias alunas abandonaram a escola e que mesma desconhece os motivos; ou seja, não se sabe se algumas dessas desistências ocorreram por motivo da gravidez. A quantidade de alunas evadidas em decorrência da gravidez é frequente.

Ao ouvir algumas alunas percebemos que as mesmas não consideram a gravidez precoce como algo negativo. Vejamos algumas das falas dessas adolescentes:

[...] não, pra mim não, é normal, muitas vezes a pessoa leva, dar pra relevar, por que mesmo, até agora não me atrapalhou em nada nos estudos. É até mais um motivo pra pessoa querer se dedicar mais ainda, po que não se dedico só pra mim, mas pro meu filho também. (Aluna 1).

“[...] não, a escola me ajudou e muito mandando trabalho pra casa no período da gravidez” (Aluna 2).

“Porque na verdade não interfere em nada né” (Aluna 3).

Vale ressaltar que para outras adolescentes, engravidar na adolescência traz implicações desfavoráveis, como se pode ao constatar o seguinte relato:

[...] Tinha vez que não tinha vontade de vir nem pra escola, porque dava preguiça, não conseguia nem vir estudar e depois que nasce a gente fica assim pensando em deixar ela em casa com a mãe da pessoa sem poder cuidar, mais a gente tem que estudar também. (Aluna 4).

Para a gestão da escola investigada, a gravidez não interfere no desempenho escolar, ou seja, não tem implicações negativas na aprendizagem da adolescente no sentido cognitivo, mas oferece dificuldades em outras questões, conforme a fala do diretor geral:

No sentido cognitivo? [...] Não. Eu acho que não interfere não, eu acho que interfere no sentido que, como são adolescentes que não têm uma estrutura social econômica entendeu? Estável pra poder ter esse momento que é gerar uma criança, acaba atrapalhando dessa forma, porque ela precisa se ausentar pra poder cuidar do filho, mas aquelas que conseguem ter uma família mais estruturada mesmo grávidas elas conseguem permanecer e terminar. (Diretor Geral).

Para os professores, são muitas as implicações desencadeadas pela gravidez na fase da adolescência. Um dos docentes coloca:

Atrasar o andamento escolar assim, dessa criança, a falta de oportunidade que ela vai ter no futuro, as dificuldades que ela vai enfrentar em ter um filho e acompanhar o desenvolvimento escolar e o campo de trabalho lá no ensino médio, é [...] a relação que vai ter com o marido que às vezes também atrapalha dentro da sala de aula, por a gente morar, trabalhar em um interior, onde existe ainda o preconceito de que a mãe, dona de casa; a mulher tem que ser uma dona de casa, a mãe de família né, no caso tem que ser a dona de casa, impede né. Eu já vi situações de que o marido impediu uma aluna de sexto ano que engravidou de voltar a estudar, que ela tinha que tá em casa fazendo os afazeres domésticos. (Professor).

A partir dos dados apresentados, verifica-se que para a maioria das adolescentes a gravidez não é negativa, apesar de as consequências serem complexas e apresentarem elementos negativos. Geralmente, a adolescente apresenta maior preocupação e medo da reação da família, principalmente dos pais. As famílias têm reagido bem, aceitando com alegria a notícia da gravidez das filhas, mas também encontramos famílias que não aceitaram a gestação no primeiro momento, mas com o passar do tempo acabaram aceitando e oferecendo apoio. Porém, a família de uma das adolescentes não aceitou a gravidez da filha, obrigando-a a sair de casa. Outra disse que nem mesmo comunicou à família que estava grávida.

Os relatos também revelaram que a maioria das adolescentes que engravidaram afirmam que a gravidez não foi planejada ou desejada e que se elas tivessem a chance de voltar no tempo tomariam os cuidados necessários para não engravidar. Há relatos de aborto aos 12 anos de idade, situação em que a família não tomou conhecimento.

Diante das informações, percebe-se que as adolescentes apresentaram não ter maturidade suficiente para viver uma vida sexual segura, não apenas para evitar a gravidez em uma etapa em que os estudos devem ser prioridade, mas para se prevenir de doenças sexualmente transmissíveis (DST's). Estudos explicam que é uma fase da vida com alto nível de complexidade, confusa e contraditória. É o período onde se inicia o processo de construção da maturidade e em meio a esse processo

os sentimentos são mais intensos, há mudanças no comportamento, pois é quando o adolescente ainda está se descobrindo, conhecendo seu corpo e se apropriando da dimensão moral que envolvem valores éticos e morais, e tem o contato como o novo e o diferente.

Considerações finais

Compreendemos a relevância e a contribuição da investigação, uma vez que é recorrente encontrarmos nas escolas adolescentes grávidas, assim como as informações veiculadas nas mídias sobre o assunto, com a finalidade de alertar e/ou provocar reflexões sobre o número de jovens grávidas em diversas regiões do país.

Entendemos que a escola e a família são duas instituições fundamentais na orientação da comunidade escolar. É certo que as escolas têm muitas demandas, , no atual contexto social, não há possibilidade de recuo: é realmente necessário organizar-se como instituição formadora de cidadãos, pois muitas vezes a família não consegue orientar seus filhos, cabendo à escola promover, incentivar e realizar um trabalho no sentido de orientar, alertar e conscientizar estudantes e pais quanto à relevância da orientação sexual.

No contexto dos resultados da pesquisa, a Escola e família devem ser parceiras. A família deve estar atenta e presente na vida de seus filhos, buscar dialogar com a escola, solicitar apoio, acompanhar as necessidades e interesses das adolescentes. A instituição escolar precisa desenvolver ações educativas motivadoras, que promovam o conhecimento referente à vida sexual e ao desenvolvimento da sexualidade dos adolescentes e também oferecer condições para que os alunos tenham uma vida sexual responsável, cientes das escolhas que fazem. E que a escola e a família sejam coerentes em relação à educação que promovem, além de se responsabilizarem com um projeto de formação escolar mais consciente dos seus deveres junto aos adolescentes, objeto da sua ação educativa.

Referências

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais**. Brasília: MEC/SEF, 2009.

DADOORIAN, D. **Gravidez na Adolescência**: um Novo Olhar. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

EGYPTO, A. C. **Orientação sexual na escola**: um projeto apaixonante. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

FIGEUIRÓ, M. N. D. **Educação sexual**: em busca de mudanças. Londrina: UEL, 2009.

FIGEUIRÓ, M. N. D. **Homossexualidade e educação sexual**: construindo o respeito à diversidade. Londrina: UEL, 2007.

FURLANI, J. **Educação sexual na sala de aula**: relações de gênero, orientação sexual e igualdade étnico-racial numa proposta de respeito às diferenças. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

HEILBORN, M. L. **Gravidez na adolescência e sexualidade**: uma conversa franca com educadores e educadoras. Rio de Janeiro: CEPESC/REDEH, 2008.

INSTITUTO DA INFÂNCIA. Secretaria Executiva – Biênio 2013/14. **Primeira Infância e Gravidez na Adolescência**. Fortaleza: Rede Nacional da Primeira Infância, 2014.

MANFRÉ, C. C.; QUEIRÓZ, S. G.; MATTHES, A. C. S. Considerações atuais sobre gravidez na adolescência. **R. bras. Med. Fam. e Comu.** Florianópolis, v. 5, n. 17, p. 48-54, jan./dez. 2010.

SAITO, Maria Ignez Saito; LEAL, Marta Miranda. Educação sexual na escola. **Pediatria**, São Paulo, v. 22, n. 1, p. 44-48, 2000.

SILVA, D. R. Q. Exclusão de adolescentes grávidas em escolas do sul do Brasil: uma análise sobre a educação sexual e suas implicações. **Rev. Estud.Soc.** n.57, pp.78-88, 2016.

SILVA, D. R. Q. **Mães-meninhas**: a gravidez na adolescência escutada pela psicanálise e educação. 2007. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/14833/000669541.pdf?sequence=1> . Acesso em: 18 maio 2016.

TABORDA, J. A.; SILVA, F. C.; ULBRICHT, L.; NEVES, E. B. Consequências da gravidez na adolescência para as meninas considerando-se as diferenças

socioeconômicas entre elas. **Cad. Saúde Colet.**, Rio de Janeiro, v.22, n.1, p. 16-24, 2014.

Recebido: Outubro/2018

Aceito: novembro/2018